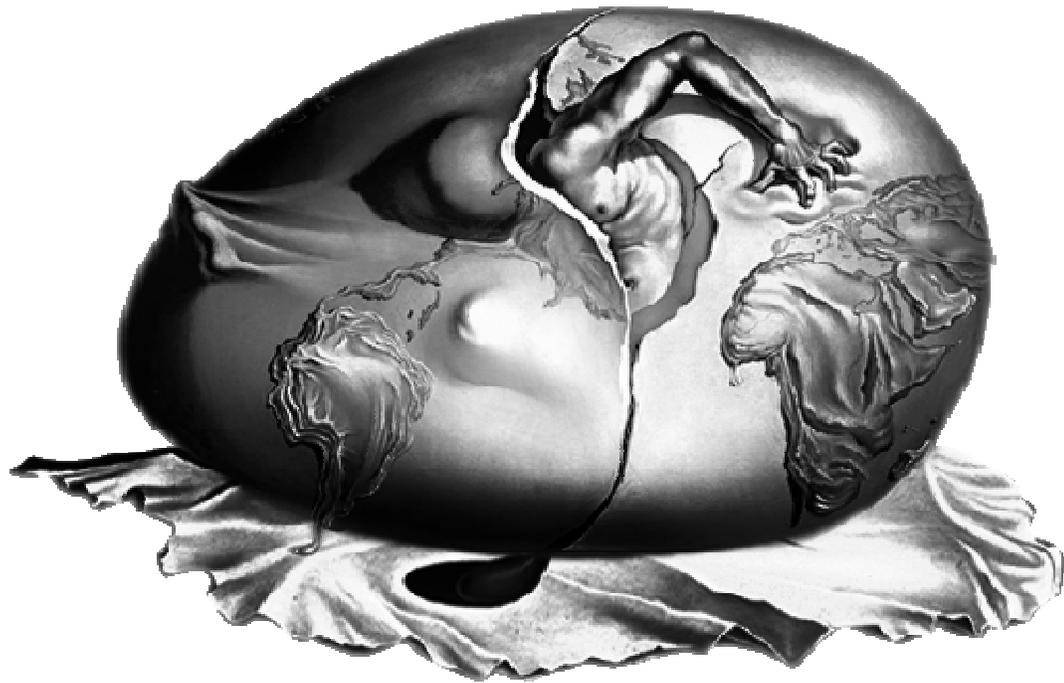


BOLETIM ***PRESENÇA***
ANO II, nº 06, 1995



UNIR

CONTEÚDOS MITOLÓGICOS DOS RIBEIRINHOS DO MADEIRA

Lílian Cristina Prado *

Valdemir Miotello **

Resumo

Realizamos uma pesquisa visando obter informações sobre a mitologia da comunidade ribeirinha e Lago do Cuniã, este último uma reserva ecológica de nosso Estado. Com este trabalho objetivamos conhecer os símbolos dos ribeirinhos e interpretá-los psicologicamente para entender melhor a nossa realidade. Os mitos representam estágios primitivos do pensamento do homem, e através deles tentamos explicar a origem e as situações desconhecidas do meio, procurando nos acomodar a ele. Ao estudarmos os mitos desvendamos uma parte desconhecida das pessoas, que vivem em função dele.

Palavras-Chave: Mitologia e Realidade.

Abstract:

We accomplished a research seeking to obtain information on the riverine community's mythology and Lake of Cuniã, this last one an ecological reservation of our State. With this work we aimed at to know the symbols of the riverine ones and to interpret them psicologicamente to understand our reality better. The myths represent primitive apprenticeships of the man's thought, and through them we tried to explain the origin and the ignored situations of the middle, trying to make comfortable to him. To the we study the myths we unmasked an unknown part of the people, that you/they live in function of him.

Key-Words: Mythology and Reality.

A colonização de Rondônia deu-se de forma bem diversificada, de modo que temos hoje vários grupos em formação, onde cada um é responsável por uma parcela de nossos valores.

Realizamos uma pesquisa visando obter informações sobre a mitologia da comunidade ribeirinha e Lago do Cuniã, este último uma reserva ecológica de nosso Estado. Com este trabalho objetivamos conhecer os símbolos dos ribeirinhos e interpretá-los psicologicamente para entender melhor a nossa realidade.

Quem de nós ao chegar à beira do rio Madeira não se deslumbra com sua beleza? Quem nunca ouviu as histórias do boto que se transforma em homem bonito e vai em festas dançar com as moças e engravidá-las? Já ouvimos, provavelmente, que o boto não suporta mulher menstruada na beira do rio, sente-se atraído ou irritado com sangue, encanta pessoas, vira embarcações, enlouquece pessoas e até afunda vilarejos ribeirinhos.

Também já devemos ter ouvido histórias sobre a Cobra Norato, que se transforma em homem e depois em cobra novamente, e cobra boa, em contraste com sua irmã Maria Caniana, cobra má. Da mesma forma já devemos ter ouvido falar da Cobra Cuniã, que protege o Lago e garante o sustento aos moradores, e igualmente pune os gananciosos que exploram as riquezas do Lago.

A lenda do Curupira, senhor da floresta e dos animais, revela um menino com responsabilidades de adulto e travessuras de criança, que protege o homem contra seus instintos destrutivos.

Quando ouvimos estas histórias, contos, lendas, piadas, podemos até não dar muito crédito à veracidade dos acontecimentos relatados, mas jamais os esquecemos.

Os mitos representam estágios primitivos do pensamento do homem, e através deles tentamos explicar a origem e as situações desconhecidas do meio, procurando nos acomodar a ele. Ao estudarmos os mitos desvendamos uma parte desconhecida das pessoas, que vivem em função dele.

Freud, pai da psicanálise, dividiu o psiquismo humano em duas partes, uma consciente e outra inconsciente. A parte consciente, de um modo geral, é aquela ligada ao lógico, ao racional, enquanto que o conteúdo do inconsciente parece não ter muita lógica, e apresenta-se obscuro, incompleto, ao tentarmos vê-lo de forma racional. Parece ser esta a linguagem dos conteúdos míticos.

O ribeirinho elabora o seu universo interior projetando, simbolicamente, em seu meio, os conteúdos que lhe intrigam, sendo este um dos motivos de criação dos mitos, dos contos, atribuindo à natureza vida, e às entidades poderes.

O boto, nos mitos ribeirinhos, está ligado à sexualidade. Talvez isso se deva à percepção de que seus órgãos sexuais sejam semelhantes aos órgãos humanos. E Freud nos diz que o ser humano tem como símbolo da libido sexual o pênis. A cobra também está carregada de sexualidade; seu formato e movimento lembra o órgão sexual masculino, enquanto o seu nome, em nossa língua, lembra o órgão feminino, assumindo, pois, ela, a bissexualidade. A cobra também está ligada à origem e transformação do homem. Entre nossos indígenas a Cobra Grande é a Criadora de tudo o que existe. É o caso da Cobra Norato, que ora é homem, ora é cobra; e quando se transforma em cobra, é Cobra Grande, primitiva, criadora; é o retorno às origens.

Também o mito da Cobra Norato, amiga dos pescadores, e de sua irmã Caniana, inimiga e má, mostra que a luta que se dá nas profundezas das águas é semelhante à luta entre o bem e o mal que se passa no mais profundo de cada um de nós. E no mito, depois de uma luta brutal, o bem vence.

As festas e danças, excessos permitidos tanto à Cobra Norato quanto aos botos, provavelmente revela que nos momentos alegres, relaxados, o indivíduo pode viver como herói, realizando proezas, dramatizando, festejando a vitória sobre os outros, permitindo que o rito realize o mito.

O sangue é outro elemento constante nas narrativas dos mitos ribeirinhos, e, universalmente, ele representa a purificação da vida. O boto não suporta mulher menstruada, e a ataca. É possível que, desta forma, o ribeirinho revele sua idéia de menstruação como período fértil da mulher, e estimula que ela se afaste do boto, da possibilidade do ato sexual; pode ser, também, que esteja presente a

percepção de que, menstruada, a mulher sente-se mais afoita, mais sensível, uma vez que o sangue da menstruação lhe traz necessidade de vida, de sexo, de ser mulher.

Dentro dos escritos psicanalíticos, pênis e vagina são colocados como competidores no relacionamento humano, onde cada um manifesta inveja do outro e dos seus atributos. Freud (1931) definiu o conflito entre os sexos como resultado da inveja da mulher pelo pênis, enquanto que o homem sente a vagina como efeito de castração. No caso da relação do boto com a mulher menstruada, é possível que se possa ver nisso a atração e a inveja pelo feminino, e pelo seu poder de criar, de gerar.

A Cobra Norato e todos os elementos aquáticos encantados precisam ver seu próprio sangue para quebrar o encanto e voltar à forma original. O encanto sofrido pela Cobra Norato é uma forma de punir o adultério cometido por sua mãe. E nesse caso, o derramamento de seu próprio sangue, quase a significar sua morte, é a única forma de quebrar este encanto, apagando o crime de traição materna.

Uma das atividades dos ribeirinhos é a caça, que ele faz com grande prazer, mas ao mesmo tempo pode fazê-la de forma descontrolada, pois é capaz de matar mais caça do que precisa. Por isso, provavelmente, seus mitos revelam protetores da mata e dos animais, criaturas encarregadas de preservar a vida da mata e evitar a auto-destruição do homem. Todas estas entidades são de caráter repressor, e a principal delas é o Curupira que é um mito de homem e criança, de senhor da mata e dos animais, responsável e brincalhão, mas que se comporta como um Superego, protegendo a vida da mata contra caçadores inescrupulosos, e colocando limites aos impulsos prazerosos e irresponsáveis.

Como vemos, o rio, a mata e a região ribeirinha é cheia de mistério, povoada por cobras grandes, botos encantados, entidades protetoras, e estes são alguns dos símbolos que representam conteúdos conflitantes que rodeiam e emanam dos ribeirinhos. Os mistérios são mistérios originais e indecifráveis que fazem o homem se interrogar desde tempos imemoriais, e para os quais não encontra resposta em sua razão.

E a noite é sempre o momento mais pródigo da manifestação do mistério, quando no interior das matas e nas profundezas dos rios forças poderosas são libertadas e dominam o homem. A noite é quando os desejos são mais intensos e indomáveis, é quando a Cobra Grande e o boto se manifestam, se transformam em homem, frequentam festas nos povoados, namoram e engravidam as moças. É à noite que a sexualidade é normalmente liberada, quando os casais fazem amor, e a escuridão dá guarida aos desejos mais secretos. Também é à noite que os “causos” são narrados em alegres rodas de amigos.

Freud percebeu que, através da associação livre, se tinha um caminho fácil de chegar ao inconsciente, e por isso deu grande valor aos conteúdos dos sonhos, que dominam quase todo o nosso sono. Assim o rio, a mata, a região ribeirinha, associados à noite, formam ambiente propício para que os medos se revelem e, com isso, os ribeirinhos elaboram os conteúdos do seu psiquismo, compartilhando espaço com o Curupira, o boto, a Cobra Grande, o Matinta Pereira, a Mãe d’água e tantas outras entidades.

Inspirados e guiados por este contexto elaboram um elenco de narrativas, recheadas de encantos e magias, que, na realidade, são formas simbólicas de expressar conteúdos reprimidos, permitindo que o material inconsciente vá além do real, dando vida a seres inanimados, humanizando animais e animalizando homens, quebrando a lógica formal, mas garantindo uma osmose existencial com seu ambiente, e gerando o amazônida.

Finalmente, é impressionante perceber que os mitos elaborados pelos ribeirinhos do Madeira, e encarnados por tantas e tão variadas entidades terrestres e aquáticas, dão conta de colocá-lo dentro dos temas discutidos universalmente, como a vida e a morte, a sexualidade, a preservação das espécies, o bem e o mal. E várias correntes psicológicas garantem que o grande dilema do homem é o medo do vir a ser.

* Aluna de Psicologia da UNIR e bolsista do CNPq

** Professor do Departamento de Filosofia e Sociologia da UNIR